

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Paul Vecchiali, Fazer Cinema na Diagonal
12 e 19 de Fevereiro de 2025

RUPTURE TANGO / 1980

um filme de Jacques Gibert

Realização, Argumento, Produção: Jacques Gilbert / Imagem: Gilbert Duhalde / Som: Jean-Paul Mugel / Montagem: Elisabeth Graine, Franck Mathieu / Músicas: *Dans Ma Garçonnière*, interpretada por Serge Lama, *Pas Davantage*, por Brigitte Bardot, *Java*, por Quarteto Cedron / Com: Aline Vigneau, Jean-Christophe Bouvet, Hélène Lebraud, Jacques Gibert / Produção: Diagonale (França, 1980) / Cópia: em ficheiro, cor, legendada electronicamente em português / Duração: 7 min / Estreia: 2 de Junho de 1980 / Primeira apresentação na Cinemateca.

LA FILLE DU MAGICIEN / 1989

um filme de Claudine Bories

Realização e Argumento: Claudine Bories / Imagem: Jean Monsigny / Montagem: Paul Vecchiali / Guarda-Roupa: Cidalia da Costa / Som: René Levert / Música Original: Roland Vincent, Catherine Becker, Claudine Bories / Cenários: Philippe Bernard / Guarda-Roupa: Cidalia da Costa / Com: Anouk Grinberg (Lili), Patrick Raynal (Bruno), Jean-Paul Roussillon (Nadir), Hélène Surgère (Velia), Jean-Pierre Sentier (Othello), Myriam M (Clara Mézières).

Produção: Diagonale, Périphérie Production, S.G.G.C. - Société Générale de Gestion Cinématographique (França, 1989) / Produtor: Paul Vecchiali, Jean-Bernard Fetoux / Director de Produção: Jean-Paul Gautier, Jean-Patrick Lebel / Cópia: em 35mm, cor, legendada electronicamente em português / Duração: 90 min / Estreia: 28 de novembro de 1990 (França) / Primeira apresentação na Cinemateca.

Duração total da sessão: 97 minutos.

Esta sessão revela bem como a Diagonale, produtora criada por Paul Vecchiali e Cécile Clairval em 1977, que se desenvolveu no contexto de marginalidade no interior do cinema francês, congregou no seu interior personalidades tão diversas como Jacques Gibert, Claudine Bories, Marie-Claude Treilhou, Noël Simsolo, Cécile Clairval, Gérard Frot-Coutaz, Noël Alpi ou Pierre Chousterman. **Rupture Tango**, revela também como, para além das muitas obras de longa-metragem, também aí se produziram curtas, cuja distribuição foi mais limitada, como atesta inclusive a pouca informação disponível sobre o filme. Vários dos autores acima citados, inclusive o próprio Paul Vecchiali, experimentaram este formato mais curto, que de algum modo poderia servir de ensaio a obras de um maior fôlego. Muito pouco exibido, **Rupture Tango** é um desses títulos raros. Trata-se de uma obra de cariz performático, que traduz uma confiança cega nos actores e nos diálogos, comum na Diagonale. A protagonista é Aline Vigneau, que se

confessa para a câmara, que, por sua vez, se substitui a um amante ausente, com quem esta dialoga, mas do qual não obtém resposta. Um longo monólogo está assim na base de um exercício de *mise en scène* e de um *tour de force* centrado numa única atriz, que alude a uma ruptura de uma relação amorosa, num passo de tango. A música e as canções desempenham aqui um papel essencial, como perceberemos pelo final.

La Fille do Magicien prolonga o espírito marginal que dominava a Diagonale. Anouk Grinberg (Lili), a sua protagonista, revela-se uma excêntrica personagem feminina que habita um mundo paralelo repleto de fantasia, no qual tudo se faz com muita intensidade: amar, odiar, beber, cantar. Como acontecia com **Simone Barbès** (1980), de Marie-Claude Treilhou, igualmente produzido e montado por Paul Vecchiali, esta é uma rara ficção de uma cineasta cuja prática privilegiará uma relação aprofundada com o real e um cinema documental que frequentemente reencena o real. Lili é uma jovem de pouco mais de vinte anos, cujo pai é mágico de profissão. A sua paixão pela música rock e o amor que desenvolve por Bruno, um aviador que rouba joias, estarão num centro de um filme onde o imaginário contamina o real, de um modo que o aproxima dos contos de fadas.

Claudine Bories começou a trabalhar como atriz de teatro e fundou uma das primeiras salas de arte e ensaio nos subúrbios parisienses, Le Studio d'Aubrevilliers, em 1975. Foi nessa época que se iniciou na realização, trabalhando, como Treilhou a fronteira entre o cinema documental e a ficção em documentários como **Femmes d'Aubervilliers** (1975), **Théâtre** (1977), e na longa documental, **Juliette du côté des hommes** (1981). **La Fille do Magicien**, a sua primeira e única ficção, será já o resultado de uma coprodução entre a Périphérie, produtora que dirigiu durante uma década, e a Diagonale. **La Fille do Magicien** foi produzido pela Diagonale nos anos em que Bories esteve mais próxima de Paul Vecchiali e da sua trupe. Em 1986 Boris havia produzido o documentário de Marie-Claude Treilhou, **Il était une fois la télé** e trabalhou na produção de **Rosa la rose, fille publique**, de Paul Vecchiali (1986), que, por sua vez, produziu e montou a sua curta **Lointains boxeurs** (1982). Nos anos que se seguiram a **La Fille do Magicien** iria continuar a dedicar-se sobretudo ao documentário, criando os *Rencontres du cinéma documentaire*, e começando a trabalhar em dupla com Patrice Chagnard, com quem virá a coassinar vários filmes.

Muitos anos depois, já a propósito dos seus documentários realizados em colaboração com Patrice Chagnard, Claudine Bories afirmará: "Para nós, filmar significa antes de mais tomar partido. E tomar partido é sempre e sempre escolher." Mesmo neste filme de ficção, tratava-se desde logo de tomar partido de personagens à margem, que encontramos espelhadas noutros filmes deste ciclo, mesmo que aqui se estejam envoltas numa dimensão de fantasia mais rara nos restantes.

No seu conjunto os dois filmes desta sessão traduzem bem a liberdade e o prazer que dominava esta trupe de cineastas, atores e técnicos, que transitavam entre a realização e funções diversas de uns filmes para outros, partilhando ideias, uma liberdade de pensamento, o equipamento, mas também momentos da sua vida. Uma comunidade cinéfila que coincide com um momento único na história do cinema francês, em que à margem da norma se desenvolvia um cinema inspirado no próprio cinema e nas outras artes, e que encontrava apoio na Diagonale.

Joana Ascensão